

CARTA-DEDICATÓRIA DE ERASMO A D. JOÃO III

As relações de Erasmo com a Corte portuguesa foram estudadas, em 1927, pelo Prof. Marcel Bataillon, num artigo que devia ter sido divulgado através do segundo volume do *Arquivo de história e bibliografia*, a publicar pela Imprensa da Universidade de Coimbra mas que não chegou a ser editado, acabando o mesmo artigo por vir ao conhecimento dos interessados numa separata de reduzida tiragem (Coimbra, 1927). O mesmo estudo foi há pouco inserido pelo Prof. Marcel Bataillon na sua obra *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, colecção «Acta Universitatis Conimbricensis», Coimbra, 1952*.

Um dos mais expressivos documentos das relações em causa é, sem dúvida, a Carta, datada de 24 de Março de 1527, que Erasmo escreveu em louvor de D. João 3.º, antepondo-a à primeira edição das suas *Chrysostomi Lucubrationes*. É bem conhecida a história dessa carta laudatória, sobretudo a partir do estudo de Marcel Bataillon. Menos conhecido, no entanto, é o seu conteúdo: uma ou outra passagem tem merecido citação de mais que um autor e largos extractos serviram já de fundamento a reflexões sobre a acção do monarca, porém a Carta mantém-se, ainda hoje, de consulta difícil.

* Não ignoramos que as relações de Erasmo com um português ilustre do seu tempo, o cronista Damião de Góis, foram estudadas, antes do ensaio de Bataillon sobre as relações com a Corte portuguesa, na *Notice sur les rapports d'Érasme avec Damien de Goés*, publicada no «Anuário» de Universidade Católica de Lovaina (17.º ano, 1853). Ernesto do Canto reproduziu esse artigo numa das suas reedições de tiragem limitada (Lisboa, Imprensa Nacional, 1912).

Com efeito, estampada na primeira edição, como referimos, das *Chrysostomi Lucubrationes*, já o não voltou a ser na segunda, para só aparecer de novo nas *Opera Omnia* de Erasmo (Leyde, 1703) e, posteriormente, na edição *Opus Epistolarum Des. Erasmi Roterodami*, preparada por P. S. Allen e M. H. Allen (Oxford, 1906-1926, 6 vols.). E logo a esta dificuldade, porém revestindo-se de qualidade diferente, veio outra a somar-se, para o comum dos leitores interessados na sua consulta: também não é acessível, em nossos dias, para além da roda estreita de quem vive e labuta sob o signo do Latim, a consulta do texto original de Erasmo.

Quando da celebração do centenário do autor, entendemos dever chamar ao número dos documentos merecedores de leitura e comentário nas aulas práticas de História Moderna e Contemporânea de Portugal a Carta de Erasmo, promovendo a sua divulgação junto dos alunos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que frequentavam a disciplina. Para o efeito, solicitamos da assistente de Filologia Românica D. Ana Paula Quintela Ferreira Sottomayor — que tem a seu cargo a regência das disciplinas de Latim — o alto favor de a verter para vernáculo. Delicado trabalho esse, tarefa que demandava, como é óbvio, não apenas o domínio do Latim, mas também capacidade bastante para uma interpretação de assinalado gosto literário, sem prejuízo da fidelidade que era devida relativamente ao original.

Bem sabemos que outros autores, tal como Erasmo e seus contemporâneos, escreveram dedicatórias em louvor de D. João 3.º: e assim Fernel (em *Cosmotheoria*), Vives (em *De disciplinis*), João Driedo de Turnhout (em *De Ecclesiasticis scripturis et dogmatibus*), Alfonso de Castro (em *Homiliae vigintiquinque super Psalmum Miserere mei Deus*), etc. Ficam de reserva e para nova oportunidade, no que concerne à divulgação dos seus textos através da respectiva tradução. Procederemos então como desta vez, trazendo-os para as páginas da nossa revista com o único fim de facilitarmos a preparação dos nossos alunos.

Porto, Outubro de 1971.

A. C.

CARTA EM QUE ERASMO DEDICA A D. JOÃO III
AS CHRYSOSTOMI LUCUBRATIONS

Traduzida do original por
Ana Paula Quintela Ferreira Sottomayor

Os agricultores, que desejavam ser tidos por devotos e gratos, costumavam, outrora, ínclito Rei, agradecer a munificência de cada um dos deuses com as primícias daqueles bens, que, conforme acreditavam, provinham da sua benignidade, ofertando, por exemplo, uma coroa de espigas a Ceres, uma de videira a Baco, uma de choupo a Hércules, uma de rosas a Vénus, convencidos de que as colheitas haviam de ser mais abundantes, se cativassem com alguma pequena dádiva a quem os mimoseava com tais dons. Se isto fez o supersticioso escrúpulo dos pagãos, quanto mais justo é que nós, que amanhámos campos de melhor safra, desejemos dar aos Monarcas da Cristandade, cujo favor e largueza acalentam o cultivo das Belas-Letras, o fomentam e honram, alguma prova da nossa gratidão, por meio daqueles mesmos estudos dos quais fruímos, graças a eles.

A miúdo, apregoados como por tuba sonora pela fama célebre por todo o mundo, me chegavam aos ouvidos e deleitavam o meu espírito as qualidades do invencível Rei Manuel, teu Pai, e entre

essas inúmeras virtudes uma era acolhida com singular aplauso de todos os Cristãos: que, assim como teve por fundador da sua dinastia a João, de cognome o de Boa Memória, o primeiro deste nome, décimo Rei de Portugal, assim também rivalizando com ele em feitos com uma tal sagacidade, tendo recebido um reino tão pequeno como Esparta, como diz o provérbio, de tal modo o engrandeceu que raramente se deixa vencer por qualquer outro na fama de um nome preclaro. Além disso, desde Ceuta, que fica junto das colunas de Hércules, até à China, região das Índias, por meio de guarnições e com grande vantagem para os domínios cristãos, de tal modo pacificou o vastíssimo pélago — até então absolutamente inavegável, devido às incursões dos Berberes — que dificilmente em qualquer outro mar é mais segura a navegação para os nossos marinheiros, propagando, de caminho, a religião cristã, espalhando por toda a parte as sementes da fé católica. E, para que essa fé se divulgasse melhor e mais largamente, a sageza deste homem singular velou por que nenhuma suspeita de pilhagem desdoirasse a vitória alcançada sobre os Berberes. Com efeito, dizem que das oito grandes cidades africanas, que os teus maiores submeteram ao seu poder — porque, já que era principalmente delas que saíam os piratas e a elas que se acolhiam, ninguém navegava com segurança rumo à Índia — não vos era entregue outro rendimento senão o que se gasta com a ocupação. E oxalá certos monopólios não denegrissem esta vossa tão notável mercê! Conforme tenho ouvido dizer, acontece que, por causa destes monopólios, embora a importação seja muito mais fácil, no entanto, em nada diminuiu o preço das virtualhas, mas, pelo contrário, subiu muito, e até algumas mercadorias, como o açúcar, chegam até nós não só mais caras, mas também bastante deterioradas. Mas talvez, algum dia, a autoridade dos Príncipes venha a refrear a ambição destes traficantes.

Entretanto, a virtude do vosso coração não é despojada do louvor que lhe é devido. Na verdade, todos os que são favoráveis ao nome cristão aplaudem estes mui belos feitos, mas a nós toca-nos mais de perto o facto de, com tamanha benignidade e zelo, ter acalentado não só os que se dedicavam a todas as Belas-Letras, mas sobretudo à Teologia. Pois já, em cartas vindas a lume, testemunhou piedade digna de um Rei cristão.

Com esta fama ilustre, — assim o assevero — inflamavam ainda mais o meu espírito já exultante as exortações de alguns para que, em nome de todos os letrados, eu desse a tão grande patrono dos estudos uma prova de gratidão. Mas, entretanto, enquanto eu procurava algo que não parecesse de todo indigno dele, aquele varão merecedor do céu foi arrebatado às terras e tresposto em uma mais tranquila mansão dos justos.

Mas reacendeu-se este meu desejo, logo que soube, ínclito Rei, que sucederas no lugar de teu Pai, de tal modo que não parece que ele tenha falecido, mas sim que refloriu em ti — jovem que ainda nem sequer alcançaste os vinte e seis anos —, para que leves a cabo tudo aquilo que teu Pai gloriosamente empreendeu, para que consolides o que já está concluído, para que acrescentes os seus feitos illustres, para que supras as lacunas por ele deixadas. Pois, mal subiste ao trono, reorganizaste a administração judiciária um tanto viciada pela ganância dos advogados, aumentaste os salários destinados aos cultores dos estudos, tornaste segura a navegação por meio duma frota muito bem apetrechada, limpaste os teus domínios de todo o joio, que infestava a feracíssima seara da verdadeira piedade. E não contente com teres favorecido e patrocinado tanto professores como alunos de todos os ramos de ensino, mas sobretudo de Teologia, tu próprio, em tão boa hora, aprendeste, desde tenra idade, o Grego e o Latim, sob a orientação de varões muito eruditos, entre os quais Luís Teixeira, com quem — se não

confundo o nome — eu, na Itália, mantive uma estreita e não menos agradável intimidade, facto que, sem dúvida, conto como um feliz acaso; além disso, és tão erudito em Ciências Matemáticas, em Astrologia, em Geografia e em História, que é a principal Filosofia dos Reis, que bem podes, pelo teu exemplo, levar ao amor do estudo não só os indolentes, mas também aqueles que lhe são contrários.

Para que hei-de evocar, agora, o teu irmão Fernando, com razão muito estimado por ti e pelos outros, mas a quem tu queres mais do que os outros, pois se mostra concorde contigo, ao abraçar e engrandecer os estudos?

Por tudo isto, succede que de todos os estudiosos — em cujo número, mesmo que fosse na cauda, eu gostaria de ser contado — és tão benquisto quanto são do teu agrado as Belas-Letras. Visto isso, concebi no meu espírito a firme confiança, ou melhor, a audácia de pagar ao teu nome o que devia à feliz memória de teu Pai.

Foi Deus, segundo creio, quem me ofereceu a matéria, de acordo com tais desejos e intentos. De Veneza foi enviado para aqui um códice muito antigo escrito em grego, no qual encontrei vários discursos de João Crisóstomo, que até agora ninguém traduzira, embora não devessem ficar ignorados; muito pelo contrário, deveriam chegar às mãos de toda a gente, visto tratarem de assunto absolutamente cristão. Parece-me que a custo outros discursos espelharão tão bem aquela boca de ouro e a suavidade dulcíssima da sua palavra. Foi mesmo a propósito.

Diz-se que de todas as suas obras a primeira foi escrita contra os Judeus, quando ainda era leitor em Antioquia. Aliás, dentre as suas lucubrações, atribuem os Gregos a coroa da eloquência aos livros sobre a função sacerdotal, que escreveu já quando era diácono; e Jerónimo declara que leu apenas as ditas obras, evidentemente por serem as mais celebradas de todas.

Dois anos há que eu as publiquei em grego e, por instigação minha, verteu estes discursos para latim Germano De Brie, de Auxerre, varão de tão exuberante eloquência, tanto em Latim como em Grego, que, com a sua riqueza oratória, quase superou o copioso manancial de Crisóstomo, de tal forma que difficilmente me parece ouvir falar a Crisóstomo pela boca de outro tradutor. E, por um feliz acaso, as obras cuidadosamente elaboradas, que possuíamos deste Doutor, caíram nas mãos de um tal artista.

A mim tocaram-me em sorte estas obras não menos úteis, mas menos acuradas, porque, se é verdade que escreveu as primeiras para o doutíssimo Basílio, compôs as segundas para os ouvidos de uma multidão heterogénea. Ora, as obras novas para os ouvidos latinos, que agora, sob os auspícios do teu nome, publicamos, são as seguintes: cinco diatribes contra os Judeus, quatro discursos sobre Lázaro, outros tantos acerca da visão de Isaías e a respeito do rei Osias, um discurso laudatório de Filogónio e de como receber condignamente a Eucaristia. Só demos uma amostra dos Comentários aos Actos dos Apóstolos, porque duidávamos um pouco da fidelidade do título. Quanto às restantes obras, conforme as opiniões dos eruditos, assim havemos de preteri-las ou de dá-las a lume. Tínhamos também ao nosso dispor outras lucubrações de Crisóstomo, mas demasiado longas para que pudéssemos apresentá-las agora, tanto nos ocupavam outros estudos que, por vezes, forçoso nos foi recorrer ao ditado. Mas tais obras serão publicadas em breve, se Cristo nos inspirar. Pois a nenhum outro escritor dedicamos de melhor vontade o nosso lazer e a nossa canseira.

Na verdade, de todos os escritores eclesiásticos, este levou a palma, pois combinou o útil com o agradável. Quem há que ensine com maior clareza? Quem refuta os hereges mais duramente? Quem verbera mais vezes e mais livremente os maus costumes? Mas, por outro lado, quem o faz de forma mais acessível ao povo? Com tamanha brandura de amor

adoça mesmo aquelas coisas, que, por natureza, são amargas! A custo suportamos alguns bajuladores, mas este, mesmo quando admoesta, pode ser amado. E mais: quão grande é sempre o seu cuidado e desvelo para com os pobres, quão solícita a sua exortação aos deveres de humanidade, quão pressurosa a recomendação aos monges que, então, segundo creio, eram excelentes! Já nem me refiro ao facto de raramente ter existido outro que tenha escrito mais; em toda a sua obra, não há assunto que não se relacione com a piedade cristã, enquanto o nosso Agostinho, que talvez pudesse rivalizar com ele em poligrafia, se dedicou tão insistentemente às questões de Gramática, de Dialéctica, de Música e de Filosofia profana. Embora Crisóstomo tenha sido cuidadosamente instruído nestas disciplinas, pois aprendeu Oratória com o retórico Libânio e Filosofia com Andragátio, no entanto, em parte alguma, faz disso a menor ostentação, mas a todas as disciplinas obriga a submeterem-se à piedade cristã, como se, em água bastante, se diluisse um vinho generoso. Em nenhuma obra, tem essa água cor ou sabor; contudo, nota-se que o vinho fica mais suave. Apesar de ser tamanha não só a sua erudição mas também a sua eloquência, contudo, com um incrível desejo de ser útil, adaptou aos ouvidos da multidão quase tudo o que escreveu e assim, para que o povo o pudesse compreender, baixou o tom oratório, tal como um preceptor que balbucia com o seu pequeno discípulo. Mas, se, na verdade, pronunciou diante do povo tudo quanto deste teor escreveu, não sei se o deva admirar mais a ele, que foi capaz de suportar a incessante tarefa de arengar, se ao povo, que tão ansioso estava por aprender tudo quanto se relacionasse com a piedade. Além disso, podemos duvidar se consentiu que tomassem nota das suas palavras, enquanto discursava, como é evidente em algumas obras de Agostinho, ou, visto que tal não é provável, se escreveu o que havia de ler, ou se, depois de ter perorado, reduziu a escrito o que dissera. Que não

lia o que escrevera transparece das suas próprias obras, em que muitas frases correspondem a acontecimento fortuitos ou àquilo que as circunstâncias inesperadamente ofereciam, como, por exemplo, uma multidão maior e mais entusiasta do que era costume, uma aclamação inoportuna da população ou ocorrência semelhante. Talvez tenha escrito alguns passos para serem lidos ao povo, como sucede com a maioria das obras de Isócrates. Pois não é verosímil que a um leitor — e nada mais era quando escreveu contra os Judeus — fosse lícito falar numa assembleia, a não ser que talvez a esse mesmo leitor tivesse sido permitido, já antes, ler o que tinha escrito.

Nenhum assunto há na Sagrada Escritura, por mais obscuro, que ele, ao tratá-lo, não tenha tornado, por assim dizer, teatral e popular. Aclara o que é impenetrável, revela-o, põe-no diante dos olhos, tal como aquele que retém o público ante um quadro de singular artefacto, que, quanto mais detidamente e mais de perto for apreciado, mais se lhe descobre, então, algo de novo que escapara aos olhos e que encanta quem nisso atente. Na verdade, a Divina Escritura é semelhante a um quadro que aquele incomparável Artista, o Espírito Santo, pintou com celeste pincel, para que continuamente ocupados na sua contemplação, não só evitemos os tédios deste mundo, mas também, para que encontremos sempre algum prazer novo no conhecimento do que é eterno. Ora, um artista notável e com um olhar excepcionalmente penetrante é quem melhor pode mostrar este quadro. Como o nosso Crisóstomo que, a título de exemplo, apresentou o episódio de Lázaro e do Rico. Haveria outro que tivesse notado aquilo que ele nos mostra? Quando o espectador, julgando que já nada mais resta para observar, se dispõe a retirar-se, ele chama-o, de novo, dizendo: «Oulá! Ainda falta atentar em algo sobremaneira digno de nota!» Então, mostra uma coisa depois de outra, não deixando que

te afastes do quadro e, por fim, despede-te ainda ávido e boquiaberto. Frequentemente se serve de metáforas e de comparações, porque não só aclaram muito o discurso mas também lhe dão encanto e, se é extraordinário ao descobri-las, artista muito mais admirável é, ao desenvolvê-las. Apresenta-as, no entanto, conforme as circunstâncias: — em termos de igualdade, de superioridade e de inferioridade. São dignas de admiração as gradações que encontra, quer para depreciar, quer para encarecer. E ainda lhes junta incentivos, ora louvando a docilidade dos ouvintes, ora censurando a sua apatia, ora prometendo que vai revelar factos dignos de serem conhecidos, se vir que a multidão está atenta e ávida, ora recomendando, por meio de umas e de outras palavras, um assunto que vai tratar, dizendo, de novo, por vezes, o que já dissera antes e, não raro, repetindo-se até no mesmo discurso. Um orador tão eloquente concedeu isto a uma multidão de espírito tão rude e desmemoriado, que só compreende, se lhe derem explicações claras e grosseiras, e que só guarda na memória aquilo que constantemente lhe é repetido.

Fiz estas advertências, não vá alguém taxar de verborreia aquilo que o amor, que só busca edificar, concedeu à inépcia dos ouvintes. Assim, também Paulo, entre os Tessalonicenses, se submeteu à sua rudeza, encouchando-se no meio deles, como ama que agasalha os seus filhos. Nem busca frases argutas nem epifonemas, por meio dos quais é costume suscitar a aclamação da assembleia, género oratório que agradou a Jerónimo e a Ambrósio; nem acrescenta jogos de palavras, nos quais é useiro Tertuliano e mais useiro ainda Jerónimo; mas deleita o ouvinte com a constante suavidade e indulgência do seu discurso, encantando mais pela devoção do que por ditos espirituosos. O orador eclesiástico facilmente encontrará com que agradar ao ouvinte, se conseguir que o povo conheça e ame aquilo que aprende. Em abundância existe nos próprios mis-

térios da *Escritura* coisa que deleite as almas piedosas, mesmo quando não se recorrer aos encantos poéticos ou aos chistes das farsas. Se quem ensina está em brasa, facilmente inflama; se exulta com o que ensina, facilmente comunicará essa mesma disposição de espírito aos ouvintes.

Foi Cristo quem encaminhou para a pregação do Evangelho este coração, esta boca de ouro destinada ao foro profano. Oxalá o mundo cristão tivesse, hoje em dia, por toda a parte, oradores destes! Pois deles sobretudo depende a ordem pública. Visto que raras vezes o povo escuta oradores evangélicos, e mais raramente ainda oradores idóneos, quase nada se retém da filosofia dos Evangelhos, tão friamente se recebe o que se relaciona com a caridade, tão pouco se crê naquilo que deveria ser tido por certo. E, contudo, nos nossos dias, é mais agradável do que outrora a condição dos pregadores. Pois, antigamente, havia vestígios de paganismo: pares de gladiadores, concursos hípicas, atletas, pugilistas e outros certames de arena, que afastavam dos sermões o povo, e aos Bispos não restava nenhum outro direito a não ser o da palavra. Além disso, mesmo durante os sermões, eram forçados a suportar, como no teatro, assobios, aplausos, aclamações, gestos muitas vezes indecorosos, que podiam aniquilar ou perturbar o entusiasmo do orador. E, no entanto, Crisóstomo, falando todos os dias ao povo, tinha um vasto auditório. Quem, na verdade, não preferiria ouvir um tal varão discorrer com tamanha suavidade acerca do divino a assistir a uma luta de gladiadores, a corridas de cavalos, ou, então, a jogar os dados? Mas agora já foram abolidas as diversões públicas; o povo humilde e sereno, com grande religiosidade, presta atenção, não fazendo o mais pequeno ruído, mesmo que do púlpito se diga algum contra-senso, e, contudo, é de estranhar a escassez de pregadores idóneos, embora, por toda a parte, haja tantos bispos, tantos sacerdotes e tantos monges.

Por isso, ínclito Rei, não se conta entre as tuas boas obras de menor louvor o zelo piedoso que, neste particular, pões, procurando que sejam idóneos quantos ministram ao povo a doutrina evangélica. Constantinopla era muito florescente em toda a casta de honrarias e de riquezas, mas o Imperador Arcádio não considerava bastante esplêndida a sua cidade e sede suprema do império, se não tivesse um insigne pregador do Evangelho, e, por isso, mandou vir de Antioquia para Constantinopla a João Crisóstomo, para exercer a função sacerdotal, da qual Nectário se afastara. Oxalá, Rei excelente, todos os Príncipes imitassem o exemplo de Arcádio e o teu próprio, e oxalá a maior parte dos sacerdotes se esforçasse por aproximar-se do modelo de Crisóstomo! Se assim fosse, nem o mundo seria abalado por tantas guerras e discórdias e estaríamos todos tão distantes do judaísmo como do paganismo e Cristo reinaria entre nós e gozaríamos duma beata tranquilidade sob os Seus estandartes. E, por fim, ainda mais se alargariam as fronteiras da Cristandade. Pois receio que os nossos costumes, em parte, façam com que Turcos, Maometanos, Sarracenos, Moscovitas, Gregos e outros povos semi-cristãos ou cismáticos não se agreguem ao redil de Cristo e que os Judeus não abram os olhos, que uma cegueira tolhe, há tantos séculos. Pois eu havia de admirar-me se os tão brilhantes argumentos de Crisóstomo, os tão prementes testemunhos das Escrituras não os compelissem a envergonharem-se e a arrependerem-se de uma tão prolongada calamidade.

Ao apóstolo Paulo deve esta infeliz geração que ainda reste e subsista um viveiro, onde possa refazer-se. Pois, na Epístola aos Romanos, XI, nos deu razões para esperarmos que, um dia, eles caíam em si e reconheçam connosco o verdadeiro Messias, de tal forma que haverá um só pastor e um só redil. É nessa esperança que os poupamos. Diz ele: «Não quero, na verdade, irmãos, que ignoreis este mistério, para que não vos sintais orgu-

lhosos: que a cegueira sobreveio a uma parte de Israel, até que tenha entrado a totalidade dos gentios e, assim, todo Israel será salvo, conforme está escrito: Virá de Sião um libertador, para afastar de Jacob as impiedades». *E continuando*: «Porque, assim como vós também, um dia, não tivestes fé em Deus, mas agora alcançastes misericórdia, devido à incredulidade deles, assim também estes agora se tornaram infieis, para que também eles obtenham misericórdia, uma vez que vós a alcançastes». *E acima, ainda no mesmo capítulo, ensina que não é irremediável a ruína do povo judaico*: «Acaso — pergunta ele — tropeçaram para que caíssem? De modo algum; mas, pela sua transgressão, veio a salvação aos gentios, para lhes provocar a emulação. Ora, se a sua transgressão é riqueza para o mundo, e o seu abatimento, riqueza para os gentios, quanto mais a sua plenitude?! Eu a vós, gentios, vos digo que, enquanto for apóstolo dos gentios, honrarei o meu ministério, para ver se, de algum modo, levo à emulação os da minha raça, para salvar alguns deles».

Se nós fomos acolhidos, pelo facto de terem os Judeus abandonado Cristo, para que, por nossa vez, os levemos à emulação, devemos esforçar-nos por que, em toda a nossa vida, resplandeçam a verdade, a pureza e a sinceridade evangélicas. Glorifiquemos também nós o nosso Evangelho. Este é sobretudo o dever dos bispos e dos sacerdotes, que são chamados mensageiros do Senhor e de cuja boca o povo exige a lei do seu Deus; contudo, cada cristão pode, na medida das suas possibilidades, glorificar o Evangelho, se, depois de desprezar tudo o que é terreno, ganhar intimidade com o que é celestial. Assim será, de tal modo que, ao mesmo tempo, Turcos e Judeus, vendo as nossas boas obras, glorifiquem o nosso Pai que está nos céus e desejem ser admitidos no seu seio. Não é despiendo o incitamento da tua piedade para que se glorifique o Evangelho, ao dares alento e ao favoreceres aqueles

que, em campos sáfuros, espalham as sementes da doutrina católica, aqueles que, na verdade, quanto mais de perto seguirem o modelo de Crisóstomo, maior número de adeptos chamarão à comunhão da nossa fé. Ao supremo Príncipe do Mundo, que, com arcanos e imperscrutáveis designios o governa, e que, no meio de tão grandes tempestades e procelas, protege a nau da Igreja, eu suplico, ínclito Rei, que se digne ser-te favorável a ti, que, com grande zelo e piedade única, te empenhas nisto. Tens ao teu lado o invencível César Carlos, não menos concorde contigo no desejo de restabelecer e fazer progredir a religião cristã, do que unido a ti pela afinidade.

Eu já ia abandonar a tua Majestade, mas pensei que, primeiro, deveria fazer-se uma advertência, não vá alguém por ignorância, ficar mal impressionado. Os passos da Sagrada Escritura, que são citados, traduzi-os, segundo a lição grega, que encontrei no códice. A lição grega, porém, não é exclusivamente a dos Setenta, mas sim combinada com a edição de Áquila, com a de Símaco, com a de Teodocião. Aliás, o que me impediu de ter seguido a edição latina foi o facto de, por vezes, o teor da frase não quadrar com a nossa lição. Isto acontece, muitas vezes, no Novo Testamento, mas, no Antigo, a variedade de lições é muito mais frequente e muito mais notável. E estão de acordo nas citações os Doutores gregos Gregório de Nazianza, Basílio, Crisóstomo, Astanásio, Teofilacto, Cirilo e outros, por cujas lucubrações, a Filosofia cristã é grandemente ilustrada, de modo que, devido a essa tão grande utilidade, valeria a pena oferecer aos ouvidos latinos os livros do Novo Testamento, segundo a lição dos Gregos, coisa que há já muito tempo eu fiz, com grande brado dos que reclamavam, mas de grande proveito para os estudiosos. Com respeito aos volumes do Antigo Testamento, uma necessidade ainda maior levou outros a fazerem o mesmo. Na verdade, àqueles que nos traduziram em

latim Cirilo, Crisóstomo e Teofilacto, visto que preferiram seguir a Vulgata Latina, muitas vezes succedeu algo de irrisório, de tal forma que duma maneira soa a voz do contexto e doutro a cítara do comentário. Mas se age tolamente quem quizer corrigir, segundo a nossa tradução, a lição de Cipriano, de Tertuliano, de Ambrósio e de Agostinho, em opposição aos comentários destes, muito menos conviria que tal acontecesse, ao traduzir os Gregos, entre os quais nunca a tradução de Jerónimo foi aceita.

Por isso, ínclito Rei, te dignarás receber com benignidade esta grinalda tecida com as flores de Crisóstomo, que te oferecemos em nome duma multidão de estudiosos. Que o Senhor Jesus salve e faça triunfar a tua Majestade.

Em Basileia, a 24 de Março de 1527.